

Vivenciar o absurdo, questionar o mundo: a estrangeiridade em Albert Camus

Experiencing the absurd, questioning the world: the sense of estrangement in Albert Camus

André Luiz Pereira Spinieli

Doutorando em Direito pela Unesp

Bolsista CAPES

andre.spinieli@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-7975-2384>

Resumo: No último século, Albert Camus assumiu para si a função de porta-voz de um problemático estado de coisas, que indicava a abertura às tensões entre a política totalitária e a filosofia de matriz existencialista. O seu pensamento não apenas aguçou uma geração de pensadores a identificar e denunciar os absurdos da existência, mas também foi fundamental para deslocar o papel do filósofo: de crítico da realidade, o filósofo se tornou um interpelador político do mundo. Neste trabalho, analiso o conceito de estrangeiridade como uma das expressões possíveis do absurdo camuseano. Recorro à narrativa de *O estrangeiro*, observando os sucessivos exílios que o protagonista Meursault sofre ao longo da trama. A filosofia camuseana está introduzida em um jogo de inclusões e exclusões recíprocas entre o homem e a realidade: se o mundo conspira para excluir o homem do espectro de suas respostas, ao homem absurdo cabe se contentar com o pouco que lhe resta, um estado de lançamento inescapável nesta realidade. A estrangeiridade não representa um sentimento que está no homem ou no mundo, individualmente, mas sim na relação entre os dois. Afirmar a estrangeiridade como expressão possível do absurdo camuseano significa reconhecer que os homens são necessariamente esvaziados de qualquer esperança perante a realidade, indiferentes ao mundo.

Palavras-chave: Albert Camus; Absurdo; Estrangeiro.

Abstract: *In the last century, Albert Camus took on the role of spokesman for a problematic state of affairs, which indicated the opening up of tensions between totalitarian politics and existentialist philosophy. His thought not only sparked a generation of thinkers to identify and denounce the absurdities of existence, but was also fundamental in shifting the role of the philosopher: from a critic of reality, the philosopher became a political questioner of the world. In this paper, I analyze the concept of stranger as one of the possible expressions of Camusean absurdity. I turn to the narrative of The Stranger, observing the successive exiles that the protagonist Meursault suffers throughout the plot. Camusean philosophy*

is embedded in a game of reciprocal inclusions and exclusions between man and reality: if the world conspires to exclude man from the spectrum of his responses, it is up to the absurd man to make do with what little he has left, an inescapable state of being thrown into this reality. The condition of stranger does not represent a feeling that is in man or in the world individually, but rather in the relationship between the two. Affirming the condition of stranger as a possible expression of Camusean absurdity means recognizing that men are necessarily emptied of any hope in the face of reality, indifferent to the world.

Keywords: Albert Camus; Absurd; Stranger.

Introdução

A obra de Albert Camus (1913-1960) é disputada em diferentes campos do conhecimento, uma vez que a amplitude dos temas que foram trabalhados em seus romances, ensaios filosóficos e peças de teatro popular lhe garantiram a inclusão na filosofia, na literatura, na dramaturgia e no direito. Embora não se considerasse um filósofo ou mesmo um existencialista, corrente de pensamento que se estabeleceu fortemente na França à época da adolescência e da fase adulta de Camus, entendê-lo como um pensador contemporâneo é fundamental para tecer investigações sérias sobre aquilo que escreveu. Para a história da filosofia contemporânea, Camus se insurgiu como uma das principais consciências morais dos momentos posteriores à Segunda Guerra Mundial, uma vez que sua repulsa aos totalitarismos, extremismos de qualquer natureza e injustiças, sobretudo contra populações vulneráveis de sua terra natal, lhe proporcionaram na Argélia colonizada pelos franceses o título de porta-voz das reivindicações daqueles que eram minoria (Camus, 1958, p. 20). De fato, seja enquanto pensador ou cronista judiciário em jornais argelinos, Camus escolheu a justiça como uma de suas bases para a luta sociopolítica (José, 2014, p. 27).

Para além de sua participação em diferentes combates pela libertação dos povos árabes muçulmanos que se encontravam no território sitiado da Argélia, dominada pelos interesses franceses, Camus se destacou no campo da filosofia a partir de sua teorização sobre duas categorias fundamentais de seu pensamento: o absurdo e a revolta. Se, de um lado, o absurdo representa a separação entre o homem que reclama ao mundo respostas definitivas sobre a existência e recebe em troca apenas cenários cíclicos, repetitivos e desprovidos de sentido, por outro, a revolta consciente significa a tomada de consciência pelo homem acerca de sua condição absurda, estado em que reconhece solidariamente o outro e se livra das amarras da realidade (José, 2009, p. 39-52). Nesse sentido, é importante mencionar que a compreensão *camuseana* do outro é fruto de toda a trajetória de sua obra, e não apenas dos textos por ora analisados neste trabalho. Além disso, para o filósofo franco-argelino, os homens que são incapazes de reivindicar uma posição de protagonista diante da existência absurda, por meio da revolta, estão fadados a serem aprisionados na circularidade deste mundo: como Sísifo, o herói da mitologia grega condenado pelos deuses a rolar uma pedra morro

acima por toda a eternidade, o homem moderno está sentenciado a se sustentar em uma realidade sem sentido¹ (José, 2009, p. 43).

O romance *O estrangeiro* representa uma das principais portas de entrada para a filosofia de Albert Camus, sobretudo por ser classificado como uma das reflexões mais determinantes sobre o cenário e a condição humana no pós-guerra europeu. A sua publicação levou o autor à condição de vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1957. O texto narra as ocorrências da vida do protagonista Meursault na cidade de Argel, apresentando um deslinde trágico e marcante para a literatura e a filosofia ocidental. O protagonista-narrador, como autêntico homem camuseano que se posiciona nesta realidade como um estrangeiro, alheio a tudo aquilo que lhe rodeia, Meursault é um homem argelino que acabara de perder a mãe. No entanto, sua expressão no enterro de sua mãe, o fato de se contentar plenamente com uma rotina maçante em um escritório de Argel e ter se relacionado por uma antiga colega de trabalho são elementos que o carregam até o cometimento de um homicídio, praticado contra um árabe em uma praia argelina. Ciente do absurdo da realidade, Meursault formula constantes recusa aos grilhões que o aprisionam nesta realidade, mantendo distância dela. Há diferentes exemplos na obra que sinalizam esse ponto, como o fato de não se ocupar da morte de sua mãe ou mesmo de uma possível amizade com Raymond, um vizinho.

Assim, a proposta deste trabalho é analisar a possibilidade de se afirmar o conceito de estrangeiridade como uma das expressões do absurdo no âmbito da filosofia camuseana, recorrendo-se fundamentalmente à narrativa do filósofo franco-argelino em *O estrangeiro*.

1. O absurdo camuseano como estética da realidade

Enquanto Jean-Paul Sartre indicava que a existência era por si mesma absurda, por existir um mal-estar ou náusea que delimita a desumanidade do homem (Camus, 2020, p. 16), o filósofo franco-argelino reconhecia que o absurdo não está no homem ou no mundo, de maneira separada, mas a existência de um depende do outro, tratando-se de uma presença comum desses dois elementos na realidade (Camus, 2020, p. 20). No âmbito da perspectiva filosófica camuseana, o absurdo corresponde à apreensão da própria sensibilidade subjetiva do indivíduo. Na medida em que cada pessoa, frente à finitude e angústia, decide o seu próprio destino, o absurdo se mostra contido em sua subjetividade (Camus, 2020, p. 121-122). Para o filósofo, o sentimento de angústia, vazio e existência em um mundo contraditório e irracional são frutos da condição de estrangeiro nesta realidade (José, 2009, p. 40), de modo que o “absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo” (Camus, 2020, p. 43).

Como um divórcio entre o homem que deseja e a realidade que se furta de corresponder à sua necessidade de unidade, o absurdo constitui uma categoria que atravessa toda a obra filosófica e literária camuseana. Por meio de seus heróis absurdos e de narrativas labirínticas, propõe o ato de repensar a realidade objetivando uma

¹ “O homem, portanto, sem nenhum *a priori* para a sua existência, toma o mundo em suas mãos, tornando-se o senhor de si, sem culpas e sem pecados; donde se concluir, em um primeiro momento, que, diante da finitude e desrazão de ser, matar ou não matar se revela enquanto uma possibilidade de escolha indiferente” (Amitrano, 2014, p. 30-31). Meursault é um símbolo da recusa do absurdo, que se faz por meio de seu alheamento frente à realidade.

revolta contra o conformismo e a naturalização do cotidiano. Em *O mito de Sísifo*, Camus exemplifica a repetitividade da existência humana, impedida de tomar consciência pela dificuldade de ocorrer um “estalar de dedos” que faz surgir os *por quês* da existência.

Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia surge o “ por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo (Camus, 2020, p. 27).

O sentimento do absurdo simboliza um distanciamento ontológico entre os anseios humanos por unidade e aquilo que o mundo nos oferta. O trecho sinaliza um cotidiano maquinário e repetitivo, que absorve o homem. Mesmo se mostrando um mundo desprovido de razões, o homem deseja sempre uma coerência e, na medida em que ela não é possível, suscita-se o sentimento do absurdo: um “sentir-se estrangeiro em sua pátria” (Amitrano, 2014, p. 28). A impossibilidade de respostas satisfatórias aos problemas da existência cotidiana e a dificuldade de articular uma tomada de consciência diante do inexplicável são exemplos de manifestação do absurdo (José, 2009, p. 40), o que traz ao homem a possibilidade de encontrar conforto na vontade divina e, conseqüentemente, erguer um falso paraíso terrestre. A tendência da existência absurda é introduzir o homem em um mundo que apenas se explica por meio de raciocínios errôneos e familiares, que se mostra como um exílio sem soluções, por estar “privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida” (Camus, 2020, p. 20). Assim, o absurdo camuseano pode ser explicado como “a conclusão a que se chega quando pretendemos encontrar no mundo ordem e razão, e achamos somente desordem e irracionalidade” (Barreto, 1991, p. 43-44), tratando-se de uma percepção existencial que demonstra a irreducibilidade da realidade ao racional.

Camus recorreu à inteligibilidade das narrativas mitológicas gregas para realizar a construção metafísica do absurdo, localizando no mito acerca da condenação eterna de Sísifo o marco necessário para construir uma analogia à condição humana (Camus, 2020, p. 137-141). Esse discurso mitológico narra que Sísifo foi condenado pelos deuses a empurrar eternamente uma pesada rocha até o ponto mais alto de uma montanha. Assim que alcançava o cume do monte, a pedra rolava montanha abaixo por seu próprio peso e o condenado era obrigado a recomeçar seu trabalho inútil, interminável e cansativo (Camus, 2020, p. 137). Para a situação de Sísifo, não havia castigo mais cruel do que sua introdução eterna em um trabalho inútil e circular (Camus, 2020, p. 137-138). Para além da ilustração sobre a condenação sisífica nessa narrativa, o ponto que interessa à filosofia camuseana é justamente o instante em que o herói absurdo regressa à planície e, diante da pausa que se repete constantemente, nasce a consciência sobre sua condição (Camus, 2020, p. 139).

Percebidos pelo filósofo franco-argelino, os elementos de tragédia presentes na narrativa sobre a condenação sisífica são importantes justamente por conta de sua tomada de consciência acerca de sua situação (Camus, 2020, p. 139). Proletário dos deuses, a *revolta* do herói absurdo está marcada pela ideia de que “não há destino que

não possa ser superado com o desprezo” (Camus, 2020, p. 139). Na mesma proporção que os sentidos da absurdidade são capazes de carregar os homens à realização de atividades repetidas e irracionais ou à crença na salvação metafísica promovida pelos deuses (Camus, 2020, p. 138), a lição que nos deixa Sísifo sobre sua condenação absurda é a necessidade de tomada de consciência pelo homem, pois “[...] quando abandona os cumes e mergulha pouco a pouco nas guaridas dos deuses, Sísifo é superior ao seu destino” (Camus, 2020, p. 139). Assim, o paradoxo filosófico presente na narrativa em questão está no fato de que a revolta sisífica está em sua lucidez diante do absurdo.²

A leitura camuseana do mito de Sísifo traz à tona não apenas questões sobre o absurdo, mas também sobre a revolta, uma vez que seu trabalho inútil nega os deuses e o seu rochedo (Barreto, 1991, p. 64; Camus, 2020, p. 139). Assim como a condenação sisífica, a existência é formada por uma sequência mecanicista, que não produz sentido e faz com que o nada invada a vida humana cotidiana (Silva, 2014, p. 29; Camus, 2020, p. 106). O processo de tomada de consciência do homem moderno não é suficiente, na obra de Camus, para atingir uma felicidade possível. No pensamento camuseano, o despertar implica dizer que “um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre” (Camus, 2020, p. 46). De acordo com a proposta filosófica camuseana, se há um homem absurdo, ele encontra a sua realização exatamente na percepção do absurdo da própria existência — como faz Meursault em *O estrangeiro*. A partir disso, “este homem é aquele que se esgota e esgota a possibilidade de inutilizar a esperança, privando os pensamentos de futuro, é o herói absurdo que sabe que no mundo absurdo [ilógico e irracional], o valor de uma noção ou de uma vida mede-se pela sua infecundidade” (Amitrano, 2014, p. 91).

Se algo tem sentido em um mundo cuja lógica é pautada pela repetição, isso é apenas o homem se posicionando nessa realidade como o único a exigir a racionalidade diante do absurdo, sendo possível afirmar que este mundo possui como verdade ao menos a do homem³ (Camus, 1991, p. 42). O absurdo possui dupla dimensão: ao mesmo tempo em que extingue as possibilidades de liberdade do homem, que haverá de permanecer apregoado ao absurdo, a tomada de consciência sobre sua existência devolve ao homem sua liberdade de ação (Camus, 2020, p. 46). Pode-se dizer que o homem absurdo, ao mesmo tempo em que está introduzido em uma lógica irracional da existência, é também aquele que possui coragem e lucidez para enfrentar o absurdo, ou seja, “coragem para viver num mundo *nonsense*, incompreensível e, em última

2 Em *O mito de Sísifo*, escreve Albert Camus (2020, p. 139): “Este mito só é trágico porque o seu herói é consciente. O que seria a sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo? O operário trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e este destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consuma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com o desprezo”.

3 Em *Lettres à un ami allemand*, Albert Camus (1991, p. 42, tradução nossa) escreve: “Escolhi a justiça, pelo contrário, para permanecer fiel à terra. Ainda acredito que este mundo não tem um significado maior. Mas eu sei que algo nele tem significado e é o homem, porque ele é o único ser que exige isso. Este mundo pelo menos tem a verdade humana e nossa é dar a ela suas razões contra o próprio destino. E ele não tem outras razões além do homem e é esse homem que deve ser salvo se quisermos salvar a ideia que temos da vida. Seu sorriso e seu desdém me dirão: o que está salvando o homem? Mas eu estou gritando para você: não é para mutilá-lo; é para dar suas chances à justiça que ela é a única a conceber”.

instância, injustificável, sem recursos [...] e a lucidez para encarar o *absurdo*, sem se valer de qualquer explicação transcendental apaziguadora” (José, 2009, p. 45).

Uma vez que não é possível ocorrer a manifestação do absurdo fora desta realidade e da própria realidade humana (Camus, 2020, p. 45), é possível observar que o absurdo se encerra com a morte, instante em que o homem se reconcilia com a estranheza do mundo. Ao indicar que “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio” (Camus, 2020, p. 17), o filósofo franco-argelino estabelece vínculos entre o sentimento do suicídio e a tendência ao nada (Camus, 2020, p. 20), recuperando a categoria do niilismo para sua obra. Responder ao problema do suicídio é dizer se a vida vale ou não a pena ser vivida (Camus, 2020, p. 17). Para Camus, os homens que não possuem lucidez e coragem necessárias para enfrentar a condição absurda desta realidade encontram no suicídio uma alternativa (Camus, 2020, p. 17-20), tanto em seu formato físico quanto metafísico.

Enquanto o suicídio físico se traduz na morte do corpo provocada pelo homem contra si mesmo, como degradação física, o suicídio metafísico significa o eterno retorno aos grilhões da existência absurda, que se contrapõe à tomada de consciência e ao despertar definitivo sobre a condição humana (José, 2009, p. 46). A denúncia camuseana no sentido de que o homem está fadado a buscar explicações (ir)racionais para esta existência implica reconhecer que a ocultação do absurdo por meio de posturas que precipitam o divino ou o eterno (Camus, 2020, p. 105) é uma forma de suicídio metafísico. Inspirado pela tentativa de demonstrar o ser humano em sua condição concreta, afastada de modelos abstratos, Camus separa as categorias do absurdo e do suicídio para introduzir a proposta de uma vida lúcida e corajosa do homem em realizar o seu caminho existencial (José, 2009, p. 47). Como resposta ao homem fraturado, o filósofo apresenta uma postura engajada e capaz de responder ao absurdo com a manutenção da vida em toda a sua extensão. Esse movimento é denominado por Albert Camus de “revolta” — um conceito que aparece como ponto fundamental de sua filosofia, a partir do qual elabora uma forte crítica ao pensamento contemporâneo, que parecia “legitimar práticas terroristas e genocidas” (Amitrano, 2014, p. 33).

Na obra camuseana, a ideia de revolta é desdobrada pouco a pouco, em um movimento gradual que nasce em seus textos e palestras de 1946 e se expande na direção da existência individual para a consciência coletiva. Não seria incorreto afirmar que em *O mito de Sísifo*, Camus apresenta uma breve ideia de revolta como a capacidade individual de “reivindicar sua totalidade frente a uma condição que estava esvaziada e era constantemente hostil” (Oliveira, 2022, p. 73). Enquanto o primeiro instante sinaliza para uma revolta como potência de autoafirmação do indivíduo em sua própria subjetividade, como o reclame de um apego à vida. No entanto, também é preciso reconhecer a existência de um processo de transição quanto ao conceito de revolta que aparece em *O mito de Sísifo* e *O homem revoltado*: de um lado, o primeiro se volta à questão da existência, evidenciando problemas como o suicídio; de outro, o segundo se vincula aos problemas políticos do último século, tangenciando o debate moral sobre os destinos daqueles que estavam sujeitos às máquinas de destruição em massa (Oliveira, 2022, p. 73-74). Nesse viés, pode-se afirmar que o filósofo fornece um salto conceitual no que diz respeito à ideia de revolta, passando a compreendê-la enquanto uma questão ético-política. Isso possibilita com que ele reconstrua a

história da revolta a partir de duas visões: ao mesmo tempo em que busca denunciar a violência legitimada, também pretende resgatar uma consciência coletiva preocupada moralmente com a vida do *outro*.⁴

2. Os muros da indiferença: Meursault, um desventurado sob o sol de Argel

Publicado originalmente em 1942, a obra camuseana *O estrangeiro* lhe rendeu o Nobel de Literatura em 1957 e significativos comentários e análises realizadas pelos principais nomes do existencialismo e da linguística francesa, notadamente Roland Barthes e Jean-Paul Sartre, para quem o livro era considerado o melhor desde o término da Segunda Guerra Mundial, embora, em relação à produção literária de sua época, devesse ser considerado ele próprio um romance estrangeiro⁵ (Sartre, 1970, p. 41). Enquanto um dos principais textos camuseanos que indicam seu movimento de tradução imagética e sentimental do absurdo para o cotidiano de personagens imersos nessa condição, a narrativa remonta às desventuras de Meursault na cidade de Argel (Pingaud, 1971, p. 1-3; Fortier, 1977, p. 53). Ao longo do romance, o protagonista vivencia uma rotina cíclica de trabalho em um escritório. Além disso, assiste ao enterro de sua mãe de forma apática, relaciona-se por uma ex-colega de trabalho, Marie, e se envolve em um assassinato, justificado pelo sol⁶ (Camus, 2016, p. 5-6).

Os episódios que são apresentados na vida do protagonista se iniciam com a comunicação da morte de sua mãe: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem” (Camus, 2016, p. 13). Meursault não tinha qualquer certeza sobre o falecimento de sua mãe, embora soubesse que o enterro aconteceria no dia seguinte. Como sua mãe era interna em um asilo de idosos na cidade de Marengo⁷, na província argelina de Tipasa, Meursault teria que tomar um ônibus até o local onde ocorreria o enterro. Entre diferentes reflexões matemáticas sobre quantos dias levaria para ir até

4 “Pode-se dizer que a revolta é o ponto central, a raiz da ética de Camus. Não se trata de um sentimento individual, egoísta, irracional. Ao contrário, torna-se comunitária, solidária, nasce de um sentimento de amor e simpatia em relação ao outro. Trata-se de encontrar uma solução para o conflito de valores que, então, sacudia a Europa naqueles tempos de guerra e pós-guerra. Segundo o romancista, a revolta é o caminho para superar esse conflito” (Carvalho, 2009, p. 85).

5 Na visão dos críticos literários do último século, dentre os quais destacamos a figura de Roland Barthes enquanto comentador da obra de Albert Camus, os romances do filósofo, especialmente *O estrangeiro*, eram observados como os primeiros clássicos do pós-guerra — não apenas em critério temporal, mas também em qualidade. Para Roland Barthes (2004, p. 93), o texto camuseano sustentava uma nova filosofia: a filosofia do absurdo. A emergência desse trabalho foi responsável por sintetizar uma série de temas, como o “herói absurdo” Meursault, situado no cotidiano medíocre, a dificuldade de organizar a revolta e o aparente conformismo social que se insere como parte de uma espécie de transe frente à indiferença fundamental às razões do mundo. A respeito da estrangeiridade do romance, afirma: “O que Camus nos propõe já não é um ato com ecos, um ato totalmente enviscado no estrato das causas, das justificações, das consequências e das durações; é um ato puro, inconsequente, separado de seus vizinhos, suficientemente sólido para manifestar uma submissão ao absurdo do mundo e suficientemente breve para fazer explodir a recusa a comprometer-se com ilusórias justificações desse absurdo” (Barthes, 2004, p. 95).

6 A obra de Albert Camus recorre à luz solar como uma metáfora para indicar a chegada da clarividência, como um sol que, ao mesmo tempo em que elucida a realidade, também cega. Em sua obra, conforme pretende demonstrar Amitrano (2014, p. 91), a ideia da luz solar faz referência a Apolo, aquele que elucida. No entanto, o filósofo não deixa de afirmar que, aquilo que nos esclarece, também nos cega: o uso potente da razão é capaz de cegar. Dessa forma, o *sol* é, para Albert Camus, como um homem do mediterrâneo árabe, mais do que a simples elucidação: é o prazer enquanto sol de verão e calor de inverno, ao mesmo tempo em que é miséria, putrefação e dor daqueles que padecem da peste em clima quente e febril.

7 Após a queda do regime neocolonial francês sobre a Argélia, o nome da cidade passou a ser Hadjout.

Marengo, velar o corpo de sua mãe e retornar a Argel para continuar seus trabalhos no escritório, Meursault solicita ao seu patrão dois dias de licença, desculpando-se pelo pedido⁸ (Camus, 2016, p. 13). Nesse ponto, é curioso observar que Meursault não apenas apresenta justificativas ao seu patrão, mas também enfrenta o luto com notória indiferença, colocando seu retorno a Argel para o trabalho como elemento mais importante que o enterro de sua mãe. Mais que isso, o protagonista enfrenta o luto como um espectador — um estrangeiro.

Após passar a noite no asilo, durante o período de espera para o enterro de sua mãe pela manhã, Meursault se lembrou dos colegas de trabalho — não parecia lhe importar o que acontecia naquele instante, tanto que preferiu não ver o rosto de sua mãe pela última vez (Camus, 2016, p. 21-22). A figura do sol transbordante⁹ camuseano, que havia transformado a paisagem em deprimente e desumana (Camus, 2016, p. 24), constitui um dos elementos centrais do longo cortejo fúnebre, no qual a preocupação de Meursault estava voltada à atitude daqueles que acompanhavam o enterro de sua mãe, especialmente o amigo Thomas Pérez, e às percepções sobre o ambiente (Camus, 2016, p. 24-25). O vazio, a indiferença e o tédio expressos pelo protagonista durante o enterro de sua mãe são concluídos por uma inquietante afirmação: “[...] vozes, a aldeia, a espera diante de um café, o ronco incessante do motor e a minha alegria quando o ônibus entrou no ninho de luzes de Argel, e eu pensei que me ia deitar e dormir durante doze horas” (Camus, 2016, p. 26).

Meursault não enxerga o passado ou traça objetivos para o futuro, pois os fatos que o cercam o marcam como um estrangeiro na realidade argelina. A descrença do protagonista nos rumos da humanidade e em tudo aquilo que lhe cerca é sempre fundamentada na narrativa pela lógica do “tanto faz” ou do “não sei” — jargões que são repetidos diversas vezes no texto. O emprego dessas palavras pelo personagem em questão é estratégico e revela um importante elemento de sua subjetividade: Meursault não se coloca diante de qualquer sentimento, entendendo-se sempre como homem lançado à sua própria sorte nesta realidade absurda, sem pensar, compreender e ofertar a revolta consciente como resposta. O absurdo camuseano expresso em *O estrangeiro* decorre tanto da indiferença que afeta Meursault em suas relações sociais e em importantes acontecimentos de sua vida quanto de sua introdução em um mundo regido pela ausência de respostas acerca da existência. Meursault é a própria experimentação cotidiana do absurdo, que visualiza à sua frente nada senão uma sequência de instantes que não possuem sentido.

Os eventos que desaguam na prisão de Meursault se iniciam quando o protagonista recebe uma ligação urgente de Raymond no escritório, convidando-lhe para passar

⁸“O asilo de velhos fica em Marengo, a oitenta quilômetros de Argel. Vou tomar o ônibus às duas horas e chego ainda à tarde. Assim posso velar o corpo e estar de volta amanhã à noite. Pedi dois dias de licença a meu patrão e, com uma desculpa destas, ele não podia recusar. Mas não estava com um ar muito satisfeito. Cheguei mesmo a dizer-lhe: ‘A culpa não é minha’. Não respondeu. Pensei, então, que não devia ter-lhe dito isto. A verdade é que eu nada tinha por que me desculpar. Cabia a ele dar-me pêsames. Com certeza, irá fazê-lo depois de amanhã, quando me vir de luto. Por ora é um pouco como se mamãe não tivesse morrido. Depois do enterro, pelo contrário, será um caso encerrado e tudo passará a revestir-se de um ar mais oficial” (Camus, 2016, p. 13).

⁹ Sobretudo em *O estrangeiro*, a figura do sol mediterrâneo representa uma constante marca do pensamento e da escrita de Albert Camus. O autor recupera a relação afetiva com sua terra natal e, por meio dessa figura, Camus afirma que a colonização trouxe a pobreza e a miséria como proibições à beleza percebida no mundo. Portanto, o sol do *grand midi* representa um instrumento de lucidez, capaz de afastar aparências sociais e históricas.

o domingo em uma casa de praia situada próxima a Argel, para a qual convidaria um grupo de amigos, assim como aproveitou a oportunidade para comunicar que foi perseguido por um grupo de árabes durante todo o dia, dentre os quais estava o irmão de sua ex-amante, relacionamento que foi encerrado após agredi-la fisicamente (Camus, 2016, p. 47) — caso para o qual Meursault testemunhou a favor de Raymond, afirmando que a mulher havia enganado o vizinho (Camus, 2016, p. 54). Após Meursault e Raymond se dirigirem para a praia, o grupo de árabes fez o mesmo. Em uma luta entre os grupos na praia, os árabes feriram Raymond após ter desferido um soco contra o irmão de sua ex-amante (Camus, 2016, p. 58-59). O vizinho de Meursault lhe entrega um revólver, cujos tiros são desferidos contra o árabe assim que ele volta a ameaçá-lo com a faca (Camus, 2016, p. 62-64).

E desta vez, sem se levantar, o árabe tirou a faca, que ele me exibiu ao sol. A luz brilhou no aço e era como se uma longa lâmina fulgurante me atingisse na testa. No mesmo momento, o suor acumulado nas sobrancelhas correu de repente pelas pálpebras, recobrando-as com um véu morno e espesso. [...] Sentia apenas os címbalos do sol na testa e, de modo difuso, a lâmina brilhante da faca sempre diante de mim. [...] Foi então que tudo vacilou. O mar trouxe um sopro espesso e ardente. Pareceu-me que o céu se abria em toda a sua extensão, deixando chover fogo. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecido, que tudo começou. [...] Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Então atirei quatro vezes ainda num corpo inerte em que as balas se enterravam sem que se desse por isso. E era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça (Camus, 2016, p. 63-64).

O homicídio do árabe simboliza o retorno de Meursault aos grilhões da existência, instante em que não é mais capaz de se autodeterminar e se afirmar como sujeito responsável por seus atos. Não foi um apertado de gatilho voluntário, mas o gatilho cedeu e produziu estampidos secos e ensurdecidos, que carregavam as balas até que cravessem no corpo da vítima, ainda inerte. Ao se colocar como um estrangeiro nesta existência, Meursault não compreende como o tiro foi disparado, mas julga que “o tiro foi disparado pelo seu corpo, onde ele era como um observador estrangeiro” (Malafaia, 2009, p.21). No momento em que o céu faz chover fogo e as quatro batidas na porta da desgraça são ouvidas, Meursault se retrata como sujeito alheio à existência e a si mesmo, na medida em que, da morte de sua mãe até o homicídio que praticara contra o árabe, os eventos que se sucedem obtêm como resposta do protagonista nada além de sua indiferença e apatia diante do absurdo. No propósito de mantê-lo em vigor, o comportamento de Meursault se aproxima de um inocente (Ortega, 2010, p. 108).

3. Estrangeiridade e absurdo: ser estrangeiro é vivenciar o absurdo

No pensamento revoltado de Albert Camus, as categorias filosóficas do exílio e da estrangeiridade representam marcas características da própria existência humana erguida no instante do pós-guerra. Arremessado em contextos absurdos e influenciados por políticas de orientação totalitária, o ser humano se enxergava obrigado a migrar

metafisicamente para além de si e se tornar alheio a tudo o que ocorre ao seu redor, adotando um modelo meursaultiano de vivência, baseado em afirmar que tudo “tanto faz” (Camus, 2016, p. 48). Na filosofia camuseana, a noção de absurdo é introduzida a partir da confluência do sentimento de gratuidade da vida, do desespero e da opacidade com que é pintada o mundo, o que fundamenta, na realidade, homens incapazes de ter qualquer lastro de lucidez sobre sua própria condição (Lameirinha, 2006, p. 21). Além do absurdo, há apenas dois caminhos possíveis: o homem se percebe por meio da tomada de consciência, revoltando-se, ou permanece estático e imerso no absurdo da existência, suicidando-se física ou metafisicamente (Camus, 2020, p. 17; José, 2009, p. 45-46).

Além dos romances, ensaios filosóficos e peças teatrais, o pensador franco-argelino também publicou uma série de cadernos contendo suas anotações e percepções cotidianas sobre as realidades em que estava introduzido, seja a argelina ou francesa. Em seus *Carnets*, Camus faz diferentes e sucessivas menções à ideia de estrangeiridade, referindo-se tanto às cidades por onde passou enquanto escritor e dramaturgo popular¹⁰ quanto a si próprio¹¹ (Camus, 2011a, p. 37; Pingaud, 1971, p. 36). Ao compreender o mundo e a realidade como uma paisagem cujo desconhecimento é constante e na qual seu próprio ser não é capaz de encontrar apoio, Camus afirma a estranheza de tudo o que lhe cerca, indicando que o sentido da estrangeiridade é justamente o desconhecimento e a descrença desta (e nesta) existência, onde todas as coisas passam a ser estranhas e incompreensíveis (Camus, 2011a, p. 143). Nesta realidade, o homem absurdo, estrangeiro do mundo e de si próprio, busca o aperfeiçoamento da criação em Deus como forma de solucionar o problema da não concretude deste mundo.

Se o absurdo se encerra apenas com a morte, por se tratar de um instante no qual o homem se reconcilia com o mundo que o transforma cotidianamente em um estrangeiro e se torna um em-si (José, 2009, p. 42), não há possibilidade de experimentá-lo fora desta realidade. Em grande parte, a construção dos personagens e cenários das narrativas camuseanas tem como elemento em comum o fato do filósofo franco-argelino ter vivenciado de maneira carnal a incompreensão do mundo não apenas por homens, estrangeiros, individualmente considerados, mas principalmente por ideologias políticas totalitárias e institucionais, com destaque para suas vivências em meio ao sistema de justiça colonial da Argélia — no qual regia um silêncio permanente do ordenamento jurídico quanto à proteção dos povos árabes muçulmanos, produzindo a estrangeiridade de sujeitos firmada no “divórcio do espírito que deseja e o mundo que decepciona, minha nostalgia de unidade, o universo disperso e a contradição que os enlaça” (Camus, 2020, p. 63). Exemplo disso é o combate camuseano contra o

10 “Num país estrangeiro, o sol que doura as casas de uma colina. Sentindo-se mais poderoso do que diante do mesmo fato em seu próprio país. Não é o mesmo sol. Sei muito bem que não é o mesmo sol” (Camus, 2011a, p. 37, tradução nossa).

11 “O que significa este despertar repentino – nesta sala escura – com os sons de uma cidade repentinamente estrangeira? E tudo é estranho para mim, tudo, sem um ser meu, sem um lugar para fechar esta pradaria. O que estou fazendo aqui, o que esses gestos e sorrisos significam? Eu não sou daqui – nem de outro lugar. E o mundo não é mais do que uma paisagem desconhecida onde meu coração não pode mais encontrar apoio. Estrangeiro, quem sabe o que essa palavra quer dizer. [...] Estranho, admito que tudo me é estranho. Agora que tudo está limpo, espere e não poupe nada. Pelo menos trabalhe de maneira a aperfeiçoar o silêncio e a criação. Tudo o mais, tudo o mais, aconteça o que acontecer, é irrelevante” (Camus, 2011a, p. 143, tradução nossa).

tratamento degradante dispensado aos encarcerados em um navio-prisão aportado em Argel e carregando mais de seiscentos presos (Lévi-Valensi; Abbou, 1978, p. 358-362). Camus visita o porão do navio e se depara com presos introduzidos em celas escuras, molhadas e pequenas (Lévi-Valensi; Abbou, 1978, p. 360).

Por meio do espetáculo abjeto do aviltamento da condição humana, o sentimento de estrangeiridade e os homens estrangeiros fizeram parte da trajetória filosófica e prática de Camus, de modo que não haveria uma filosofia suficientemente voltada à discussão existencialista dos problemas do pós-guerra sem que se debruçasse sobre os rumos adotados pela humanidade nesse período. A própria filosofia camuseana se revelou como uma *filosofia estrangeira* em relação aos outros nomes que ganharam os pedestais e salões franceses de sua época (José, 2014, p. 77), sobretudo por trazer à tona uma crítica libertária às problemáticas questões da existência humana ao longo do último século. Camus afirma em seus *Carnets* que a estrangeiridade descreve a nudez do homem diante do absurdo¹² (Camus, 2011b, p. 31). Não por outro motivo, Camus encerra a narrativa de *O estrangeiro* retratando a espera desinteressada de Meursault, em sua cela após a condenação pelo júri, pela execução de sua pena de morte. Ao personagem-narrador realmente não importa o fato que irá ser vítima fatal de uma justiça absurda em breve, mas somente o esvaziamento de qualquer esperança frente ao mundo e sua abertura à indiferença.¹³

Embora o homem camuseano esteja diante do irracional, do absurdo e da estrangeiridade que conforma sua própria existência, dentro de si há desejo por felicidade e razão, como contrapontos à conglobação do irracional, da nostalgia humana e do próprio absurdo, que são três personagens do drama existencial que encerram qualquer lógica que uma vivência é capaz de ter¹⁴ (Camus, 2020, p. 41-42). Se a felicidade funciona como a finalidade última da caminhada humana na filosofia camuseana, é justamente no final de sua vida, no quase instante de separação entre homem e absurdo, que Meursault percebe que sua trajetória existencial havia sido feliz: o personagem-narrador teve instantes de felicidade, ainda que desinteressada, mas jamais uma felicidade plena, terminando afogado no niilismo e na redução da condição humana ao absurdo. Disso parte a possibilidade de afirmar que, no conjunto da obra camuseana, Meursault, além de representar o desnudar do homem diante do absurdo, também é parcela fundamental de uma tragédia moderna escrita pelo filósofo franco-argelino (Chabot, 2002, p. 113; Camus, 2011b, p. 15), uma vez que assume o papel de herói responsável por confrontar as engrenagens de uma máquina judiciária influenciada pela ausência de sentido da realidade (José, 2014, p. 299).

12 « *L'étranger décrit la nudité de l'homme en face de l'absurde* » (Camus, 2011b, p. 31).

13 "Também eu me senti pronto a reviver tudo. Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por senti-lo tão parecido comigo, tão fraternal, enfim, senti que tinha sido feliz e que ainda o era. Para que tudo se consumasse, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que me recebessem com gritos de ódio" (Camus, 2016, p. 126).

14 "Neste ponto do seu caminho, o homem se encontra diante do irracional. Sente em si o desejo de felicidade e de razão. O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. Isto é o que não devemos esquecer. A isto é que devemos nos apegar, porque toda a consequência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz" (Camus, 2020, p. 42).

Ao considerarmos que a estrangeiridade é intrínseca à existência em meio ao absurdo, é fundamental levar em conta a ideia de que o estrangeiro se preocupa fundamentalmente com o desfrute da natureza que o cerca, não com a sua compreensão. O cenário que encerra o romance *O estrangeiro* é determinante para tecer um entendimento sobre a estrangeiridade enquanto uma das expressões possíveis do absurdo. Após sua condenação, Meursault se entrega a uma reflexão final sobre sua vida e, dentre os pensamentos, recorda-se de sua mãe. Agora, unido à natureza, o homem estrangeiro se permite entender quem de fato foi sua mãe: uma mulher que sentiu a liberdade e, próxima à morte, certamente estava preparada para recomeçar.¹⁵ Com o *apagamento* da vida de Meursault, a natureza (e o absurdo) continuariam sem ele, embora sua paz esteja no encontro com uma vida que entende ter sido feliz e que ainda continuava feliz, apesar de encarcerado e prestes a ser executado (Fortier, 1977, p. 93).

Em uma cela, à espera de um chamado para sua execução pública, Meursault já não mais se preocupa com o que será do mundo, percebendo que a natureza e o absurdo permanecem indiferentes para com ele: os homens estrangeiros se vão e o absurdo permanece. Para Meursault, como herói absurdo, não há aceitação, mas recusa, a partir da qual resta ao homem rejeitar o vácuo por meio do qual caminha a existência (Amitrano, 2014, p. 96). Não há mais raiva, mas uma recusa compassiva de ter vivido uma pobre vida e de ter recebido uma ridícula sentença de morte, que também é parte da natureza absurda e, por isso, deve ser cumprida como lei¹⁶ (Fortier, 1977, p. 93). Nos últimos instantes de sua vida, Meursault reconhece que sua estrangeiridade lhe recoloca no ponto introdutório de toda a sua trajetória. Esvaziado de esperança e indiferente ao mundo, Meursault, como estrangeiro, está pronto para experimentar tudo novamente: a alegria de nadar, de estar com quem tinha apreço, o sol, o processo judicial e o absurdo.

Considerações finais

As reflexões filosóficas construídas por Albert Camus ao longo de uma longa bibliografia formada por romances, ensaios filosóficos, peças de teatro e anotações em cadernos remontam às experiências que ele próprio vivenciou durante sua infância e adolescência ou mesmo em seus sucessivos combates pela realização concreta da justiça e dos direitos fundamentais dos povos árabes muçulmanos em sua terra natal. De fato, sua filosofia se tornou fundamental para repensar a condição humana após a

15 “Neste momento, e no limite da noite, soaram sirenes. Anunciavam partidas para um mundo que me era para sempre indiferente. Pela primeira vez em muito tempo pensei em mamãe. Pareceu-me compreender por que, ao fim de uma vida, arranjava um ‘noivo’, porque recomeçara. Lá, também lá, ao redor daquele asilo onde as vidas se apagavam, a noite era como uma trégua melancólica. Tão perto da morte, mamãe deve ter-se sentido liberada e pronta a reviver tudo. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar por ela. Também eu me senti pronto a reviver tudo” (Camus, 2016, p. 126).

16 « *Uni à la nature, Meursault maintenant pense à sa mère et la comprend. Il avait déjà comprise, avec l'aide de la nature, le matin de l'enterrement ; il avait ensuite subi la persécution du soleil sur la route qui menait au cimetière. Parallèlement, la deuxième entente mystérieuse entre Meursault et sa mère sera suivie du triomphe du soleil, à l'aube de l'exécution. Meursault sait désormais que la nature continuera sans lui. Il trouve, pourtant, dans la calme continuité de la vie, une source de 'paix'. Meursault ne se soucie plus du monde; de plus, il se rend compte que la nature est indifférente envers lui. Sa colère est dépassée. Meursault accepte, rétrospectivement sa vie pauvre, et sa condamnation à mort ridicule : lui aussi fait partie de la nature et doit se plier à ses lois. C'est ainsi qu'il peut dire, 'Je me suis senti prêt à tout revivre'. Le 'tout' est important. Il inclut la violence du soleil, et le procès mais aussi la joie de nager et d'aimer » (Fortier, 1977, p. 93).*

Segunda Guerra Mundial pelo fato de que, enquanto uma das principais consciências críticas e engajadas do período, Camus se debruçou sobre problemas que demarcavam a existência do homem moderno, tendo como enfoque uma questão central de seu pensamento: como superar a estranheira da existência absurda, na qual o homem se sente alheio a tudo aquilo que está em seu entorno? Para isso, Camus recorre principalmente à ideia de revolta consciente.

Se o absurdo representa a estética da realidade para o filósofo franco-argelino, a partir da qual o homem cotidianamente busca encontrar respostas seguras aos seus questionamentos sobre a existência por meio de recursos metafísicos, vivenciando um cenário de repetições e ausência de sentido, a categoria da revolta consciente funciona como antídoto contra esse cenário. O homem revoltado é consciente de seus direitos e, principalmente, de sua condição nesta realidade absurda. Por isso, a revolta camuseana pode ser compreendida como uma atitude que demarca um instante de tomada de consciência do homem, de questionamento acerca dos porquês da existência. No entanto, ao mesmo tempo em que Camus compreende ser o suicídio o único problema filosófico realmente importante (Camus, 2020, p. 17), uma vez que ofertar respostas à questão do suicídio seria afirmar se a vida vale a pena ou não ser vivida, o filósofo também afirma que, aqueles que não são suficientemente lúcidos e corajosos para assumir a posição de homem revoltado, estão fadados ao suicídio.

Em Albert Camus, o suicídio é apresentado como uma possibilidade, ainda que sua filosofia seja partidária de um humanismo. Em *O mito de Sísifo*, o autor afirma que “como todos os homens já pensaram no seu próprio suicídio, pode-se reconhecer-se [...] que há um elo direto entre tal sentimento e a aspiração ao nada” (Camus, 2018, p. 16). Ainda que o suicídio se apresente como o ponto de partida de toda a análise camuseana, o olhar que o filósofo lança sobre a questão abre outras possibilidades, o que faz com que o homem contemporâneo exista em um instante peculiar da história da civilização — ou seja, o ser humano experimenta uma era de negações absolutas (Amitrano, 2014, p. 18-19). Nesse sentido, entende-se que a análise camuseana sobre o absurdo condena o suicídio, que é considerado uma fuga à confrontação entre o ser humano e o mundo desprovido de sentido em que está introduzido. Em Camus, o homem absurdo não aceita o suicídio, pois representa um processo de retirada de sua possibilidade de viver, o que também exige uma postura contrária ao assassinato.

Ao se conjecturar a possibilidade de se considerar a categoria da estranheira da filosofia camuseana, é fundamental reconstruir elementos específicos da narrativa de *O estrangeiro*, obra que serve de base para a discussão dessa temática. No pensamento literato-filosófico de Camus, a figura do estrangeiro é ilustrada por Meursault, que pode ser rascunhado como um argelino que, respondendo com intensa indiferença às manifestações dos *outros* e do *mundo*, age de acordo com a natureza (absurda) e se entrega a situações repetitivas, descontínuas e que lhe geram felicidade e solidariedade pontuais e imediatas. Entre o relacionamento amoroso com Marie à desinteressada amizade com Raymond, Meursault é condenado por um corpo de jurados pelo homicídio de um árabe em uma praia de Argel — morte que foi motivada pelo sol, em referência à natureza, e julgada a partir não do crime em si, mas sim da psicologia meursaultiana da indiferença. A indiferença do protagonista-narrador garante sua liberdade perante o mundo, de modo que a consciência dessa

liberdade, que é conquista nos instantes finais do romance e da vida do personagem estrangeiro, indica a união entre Meursault e o mundo (Fortier, 1977, p. 93).

Vigiado pelo absurdo, como todos os homens, Meursault assiste da prisão as paisagens por onde passou se tornarem cenários desumanos e deprimentes, à espera do último chamado para sua execução pública, na qual espera ouvir gritos odiosos para não se sentir tão sozinho. A estrangeiridade meursaultiana é reforçada pelo instante em que, na praia, integra-se ao universo solar, à natureza absurda, e pratica o homicídio do árabe. Como um estrangeiro em si mesmo, que assiste a realidade como mero espectador, Meursault não se move fisicamente das imediações de Argel, mas realiza uma longa peregrinação por diferentes universos simbólicos (Fortier, 1977, p. 94-95), reafirmando sua liberdade diante do mundo no instante em que percebe que o absurdo também se manifesta para si, já próximo ao instante de sua execução. Assim, o estrangeiro realiza a proposta camuseana do absurdo no sentido de que esse sentimento não está no homem ou no mundo individualmente, mas sim na relação entre os dois. A verdade de Meursault é sua *liberdade*, conquistada a duras penas e apenas próximo e com a certeza de sua morte, quando se verá livre do absurdo. Por isso, *ser um estrangeiro é vivenciar o absurdo*.

Referências bibliográficas

AMITRANO, G. C. *Albert Camus: um pensador em tempos sombrios*. Uberlândia-MG: EDUFU, 2014.

BARRETO, V. *Camus: vida e obra*. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1991.

BARTHES, R. *O Estrangeiro, romance solar*. In: _____. *Inéditos: Vol. 2 – Crítica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 92-98.

CAMUS, A. *Carnets I : mai 1932 – février 1942*. Paris : Gallimard, 2011a.

_____. *Carnets II : janvier 1942 – mars 1951*. Paris : Gallimard, 2011b.

_____. *Chroniques algériennes*. Paris : Gallimard, 1958.

_____. *Lettres à un ami allemand*. Paris : Folio Essais, 1991.

_____. *O estrangeiro*. Trad. Valerie Rumjanek. 40ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

CARVALHO, J. J. C. de. *Albert Camus: tragédia do absurdo*. João Pessoa: Ideia, 2009.

CHABOT, J. *Albert Camus : la pensée de midi*. Aix-en-Provence : Édisud, 2002.

FORTIER, P. A. *Une lecture de Camus : la valeur des éléments descriptifs dans l'oeuvre romanesque*. Paris : Éditions Klincksieck, 1977.

JOSÉ, C. J. G. *A construção existencial dos direitos humanos*. 194f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009.

_____. *Albert Camus e o direito: itinerário libertário para uma filosofia jurídica*. 314f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LAMEIRINHA, C. A. de B. *O sentido do exílio em La Peste de Albert Camus*. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LÉVI-VALENSI, J. ; ABBOU, A. (Orgs.). *Cahiers Albert Camus 3 : fragments d'un combat (1938-1940) – Alger Républicain*. Paris : Gallimard, 1978.

MALAFIA, D. S. de. *Sob a máscara de Dioniso: a filosofia de Camus em O Estrangeiro e A Morte Feliz*. 119f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, A. L. S. de. *Dois paradigmas para o enfrentamento da crise ética do século XX: a alteridade em Emmanuel Lévinas e a revolta em Albert Camus*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2022.

ORTEGA, R. D. M. *Absurdo y rebelión: una lectura de la contemporaneidad en la obra de Camus*. Barranquilla: Ediciones Uninorte, 2010.

PINGAUD, B. *L'étranger de Camus*. Paris : Librairie Hachette, 1971.

SARTRE, J.-P. *Explication de L'Étranger*. In : LÉVI-VALENSI, J. (Org.). *Les critiques de notre temps et Camus*. Paris : Garnier, 1970.

SILVA, G. F. da. *"Esculpir em argila": Albert Camus – uma estética da existência*. São Paulo: Educ, 2014.

Recebido em: 14 fev. 2024 — **Aceito em:** 14 out. 2024.